

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA:
ENCONTRO COM EDGAR MOURA
22 de Fevereiro de 2023

SINAIS DE FOGO / 1995

um filme de LUÍS FILIPE ROCHA

Realização: Luís Filipe Rocha *Argumento:* Izaías Almada e Luís Filipe Rocha *a partir da obra original de* Jorge de Sena *Diálogos:* Izaías Almada e Luís Filipe Rocha *Fotografia:* Edgar Moura *Som:* Carlos Alberto Lopes *Música:* Enrique Macias *Montagem:* António Perez Reina *Interpretação:* Diogo Infante (Jorge), Ruth Gabriel (Mercedes), Marcantonio del Canto (Ramos), José Airosa (Rodrigues), Henrique Viana (Tio Justino), Rogério Samora (Almeida), Glicínia Quartin (mãe da tia), Caroline Berg, Joaquim Leitão, Manuel Pereiro, Luísa Barbosa, João Lagarto, Henrique Espírito Santo.

Produção: MGN Filmes (Portugal, 1995) *Produtor, Produtor executivo:* Tino Navarro *Co-produtores:* AB Films (França), IGELDO (Espanha) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 104 minutos *Distribuição em Portugal:* Filmes Castello Lopes *Estreia:* Amoreiras, Quarteto 3 e S. Jorge em 3 de Novembro de 1995 *Primeira exibição na Cinemateca:* 20 de Abril de 1999 (“25 de Abril, 25 Anos – Antes da Revolução”).

COM AS PRESENCAS DE EDGAR MOURA E LUÍS FILIPE ROCHA

Baseado em Jorge de Sena, Luís Filipe Rocha adapta um dos maiores romances da literatura portuguesa do século XX. *Sinais de Fogo* foi publicado postumamente em 1979, um ano depois da morte de Sena (seria suposto que o escritor iniciasse uma série de romances que cobririam a vida portuguesa entre 1936 e 1959). É no Verão de 1936, no ambiente balnear da Figueira da Foz, perturbado pela presença de espanhóis vindos a Portugal na esteira da Guerra Civil, que *Sinais de Fogo* se situa. Luís Filipe Rocha mantém-se fiel ao tempo e ao espaço narrativos numa recriação histórica da época em que atmosfera estival e provinciana da cidade da costa norte portuguesa, é perturbada pelas tensões políticas latentes e, a um outro nível, pela tensão interior do protagonista num Verão de descobertas, também amorosas.

Em Julho de 1936, a deflagração da Guerra Civil em Espanha constitui para Salazar a oportunidade de se afirmar na política internacional. Nestes anos, a postulação da “defesa da independência nacional face ao perigo espanhol” favoreceu a intervenção política, diplomática e, indirectamente, militar, pela integração de voluntários (“os viriatos”) nas fileiras franquistas, do regime português. A situação é retratada em títulos documentais como COMÍCIOS ANTI-COMUNISTAS, de 1936, ou no primeiro número do jornal de actualidades JORNAL PORTUGUÊS, de 1938, produzidos pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) chefiado por António Ferro (empossado como seu director em Outubro de 1933).

É curioso notá-lo até porque o período áureo do SPN corresponde aos anos 30 e 40 do século XX, os anos em que o Estado Novo aposta abertamente na formação dos espíritos de acordo

com os seus princípios impositivos e repressivos, através da propaganda ideológica e pedagogicamente difundida. É de 26 de Maio de 1936 o célebre discurso de Salazar, proferido nas comemorações do “ano X da Revolução Nacional”: “Às almas dilaceradas pela dúvida e o negativismo do século procurámos restituir o conforto das grandes certezas. Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever.” Estabeleciam-se, assim, as ditas certezas indiscutíveis que formariam a cartilha do Estado Novo, assente em ideias sempre subjacentes ao seu discurso político-ideológico: “Deus”, “Pátria”, “Autoridade”, “Família”, “Trabalho”.

A encenação política deste discurso político-ideológico do regime constituía-se linearmente na tradução propagandística das suas convicções. “Em política o que parece é”, velha máxima de Salazar referida pela primeira vez por ocasião da posse de António Ferro como director do SPN, traduz lapidarmente a percepção da necessidade da propaganda do Estado, delineada como “Política do Espírito” e, claro está, centrada no SPN. Da escola, à organização dos tempos livres, à assistência à família, à acção corporativa e ao enquadramento miliciano da juventude, a propaganda funcionava como presença quotidiana e disseminada. Aliados à política da “educação nacional” e a par dos desfiles navais no Tejo e das paradas do Exército, também os desfiles da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa exteriorizam a autoridade e exprimem os valores oficiais defendidos. O cinema, conforme o percebeu António Ferro, e bem testemunham as curtas-metragens de propaganda da época, servia exemplarmente tais propósitos.

Reconstituindo historicamente a época, SINAIS DE FOGO convoca toda essa atmosfera. Depois de A FUGA (1977) e da abordagem política de CERROMAIOR (1980), Luís Filipe Rocha faz, em SINAIS DE FOGO, uma nova “revisitação” do passado. A época e o tema explicitam-se no primeiro plano, através do som radiofónico que anuncia, “de acordo com as últimas notícias”, a gravidade da situação política em Espanha. Da detenção pela polícia política de personalidades espanholas em veraneio na Figueira da Foz, da ajuda que lhes é prestada e da acção do partido comunista no decorrer dos acontecimentos se faz o filme centrado na personagem de um adolescente que tem simultaneamente de lidar com uma súbita história de amor. A revelação do amor e a tomada de consciência política coincidem assim no tempo e no percurso do protagonista no Verão da sua passagem à idade adulta.

Maria João Madeira